

PREVALÊNCIA DA AIDS EM IDOSOS DO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DE DADOS DO SISTEMA DATASUS

Monalisa Ferreira de Lucena¹
Anna Júlia de Souza Freitas²
Ingrid Costa Santos³
Dayverson Luan de Araújo Guimarães⁴
Maria do Socorro Ramos de Queiroz⁵

RESUMO

A AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida) é uma doença que, ainda hoje é bastante complexa e quando relacionada a pacientes idosos é uma questão ainda mais complicada devido a fragilidade do organismo em questão. Diante disso o presente estudo teve como objetivo analisar os dados fornecidos pelo DATASUS (departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil) que mostrasse a prevalência da AIDS em idosos. Tratou-se de um estudo epidemiológico descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de consulta às seguintes bases de dados: SINAN (Sistema de Informações de Agravos de Notificação), SISCEL (Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos CD4+/CD8 e Carga Viral) e SIM (Sistema de Informações de Mortalidade), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A população analisada para estudo concentrou-se nos casos de AIDS em idosos (idade maior que 60 anos), com diagnóstico registrado entre os anos de 2013 e 2017. Foi possível observar o predomínio dos casos nas regiões mais desenvolvidas, como a Região Sudeste que apresentou 2.233 casos (24%). Pode-se observar a prevalência do gênero masculino nos casos de todas as regiões do Brasil. Quanto ao grau de escolaridade constitui-se como um bom indicador do nível socioeconômico dos indivíduos e do seu impacto sobre a saúde. A escolaridade mostra-se, portanto, com um indicador mais instável ao longo da vida do indivíduo. Sendo assim, observa-se a necessidade de investimento em educação em saúde, no atendimento primário e em grupos de saúde, principalmente em regiões vulneráveis, já que de acordo com os resultados, a maior prevalência de portadores de AIDS são em idosos que não possuem o conhecimento a respeito da forma de infecção pelo vírus HIV.

Palavras-chave: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, Terceira Idade, DATASUS.

¹ Graduada pelo Curso de farmácia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, monalisa.lucena16@gmail.com

² Graduanda pelo Curso de farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ajsfрейtas22@gmail.com

³ Graduanda pelo Curso de farmácia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, ingrid.cs@live.com

⁴ Graduando pelo Curso de farmácia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, dayversonluan@hotmail.com

⁵ Professora Orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, queirozsocorroram@yahoо.com.br

INTRODUÇÃO

A AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida) ainda é um desafio para o campo das ciências da saúde. A incidência de AIDS mantém-se, em patamares elevados sendo 19,5 casos por 100 mil habitantes (BRASIL, 2009).

Os primeiros casos de AIDS, notificados no Brasil e no mundo a partir da década de 1980, estavam associados aos grupos suscetíveis ou de risco para a aquisição do HIV, sendo esses: homossexuais do gênero masculino, profissionais do sexo e usuários de drogas. Não se categorizavam os idosos como vulneráveis e as campanhas de prevenção e outras atividades relacionadas a educação em saúde para esse grupo populacional eram escassas. Tal fato pode ter contribuído para que os idosos tenham dificuldades em aderir a métodos preventivos da doença (ANDRADE; SILVA; SOUSA, 2010).

É notável que cada vez mais, os idosos buscam melhorar sua qualidade de vida praticando atividades de lazer social, como a frequência a bailes e viagens, criando um ambiente favorável ao encontro de parceiros. Novas opções farmacêuticas também proporcionaram mudanças no comportamento sexual dessa população (GODOY et al., 2008). Além disso, a AIDS vem se confirmando como uma ameaça à saúde pública e a tendência sugere que, em pouco tempo, o número de idosos contaminados pelo HIV será ampliado significativamente, principalmente devido à vulnerabilidade física e psicológica, pouco acesso a serviços de saúde, além da invisibilidade com a qual é tratada sua exposição ao risco, seja por via sexual ou uso de drogas ilícitas (SALDANHA; ARAÚJO, 2006).

Estimativas apontam que nos próximos anos, o número de idosos no Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões, repassando 13% da população, com projeções para ocupar a sexta colocação entre os países com maior número de idosos em 2020 (VERAS, 2009). Diante do número de idosos no Brasil com HIV e AIDS, nos remete para a demanda dessa atenção, considerando que foram notificados 14.655 casos em pessoas acima de 60 anos, de 1980 a 2009, sendo 8.959 no sexo masculino e 4.696 no sexo feminino (BRASIL, 2009).

Ainda de acordo com as pesquisas notou-se que geralmente a idade não elimina ou diminui o desejo por sexo (MELO et al., 2012). Pelo contrário, observa-se que a maior parte da população idosa permanece sexualmente ativa. No Brasil, segundo dados do Programa Nacional de DST/AIDS, 67,1% das pessoas de 50 a 59 anos e 39,2% das pessoas com mais de 60 anos são sexualmente ativos (OLIVI; SANTANA; MATIAS, 2008), Entretanto, a

ocorrência de práticas sexuais inseguras contribui para que essa população se torne mais vulnerável às infecções pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) (LAROQUE et al., 2011).

Diante do exposto, objetivou-se avaliar dados através do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) que tratem a respeito de prevalência da AIDS em idosos no Brasil, analisando a prevalência da doença sobre a população de idosos.

METODOLOGIA

O presente trabalho tratou-se de um estudo epidemiológico descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de consulta às seguintes bases de dados: SINAN (Sistema de Informações de Agravos de Notificação), SISCEL (Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos CD4+/CD8 e Carga Viral) e SIM (Sistema de Informações de Mortalidade), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico (<http://www.datasus.gov.br>), por se tratar de dados de domínio público, não foi necessário submeter o trabalho ao Comitê de Ética.

A população analisada para estudo concentrou-se nos casos de AIDS em idosos (idade maior que 60 anos), com diagnóstico registrado entre os anos de 2013 e 2017. Os dados foram organizados em planilhas, a fim de se obter a epidemiologia da doença por região, idade, gênero e sexualidade, no intervalo de tempo citado (2013-2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por um total de 9.305 casos, diagnosticados dos anos de 2013 à 2017. Os idosos participantes estavam distribuídos por todas as regiões do país (TABELA 1). Foi possível observar o predomínio dos casos nas regiões mais desenvolvidas, como a Região Sudeste que apresentou 2.233 casos e a Região Sul, 1.605 casos. Em seguida, a Regiões Nordeste e Centro-Oeste, com 1.193 e 441 casos, respectivamente. A região com a menor quantidade decasos registrados foi a Norte, com 421 casos. Em todas as regiões, houve redução significativa da quantidade de diagnósticos entre os anos de 2016 e 2017.

Tabela 1 – Distribuição do número de casos de AIDS diagnosticados no Brasil em indivíduos com idade maior que 60 anos, de acordo com as regiões.

	2013	2014	2015	2016	2017	Total
TOTAL	2.090	2.096	2.132	2.199	788	9.305
Região Norte	96	100	93	85	47	421
Região Nordeste	276	275	271	274	97	1.193
Região Sudeste	573	520	504	480	156	2.233
Região Sul	390	372	389	343	111	1.605
Região Centro-Oeste	117	116	87	81	40	441
Ignorado/Exterior	638	713	788	936	337	3.412

Fonte: DATASUS

De acordo com resultados obtidos na Tabela 2, pode-se observar a prevalência do gênero masculino nos casos de todas as regiões do Brasil

Tabela 2 – Distribuição do número de casos de AIDS diagnosticados segundo o gênero.

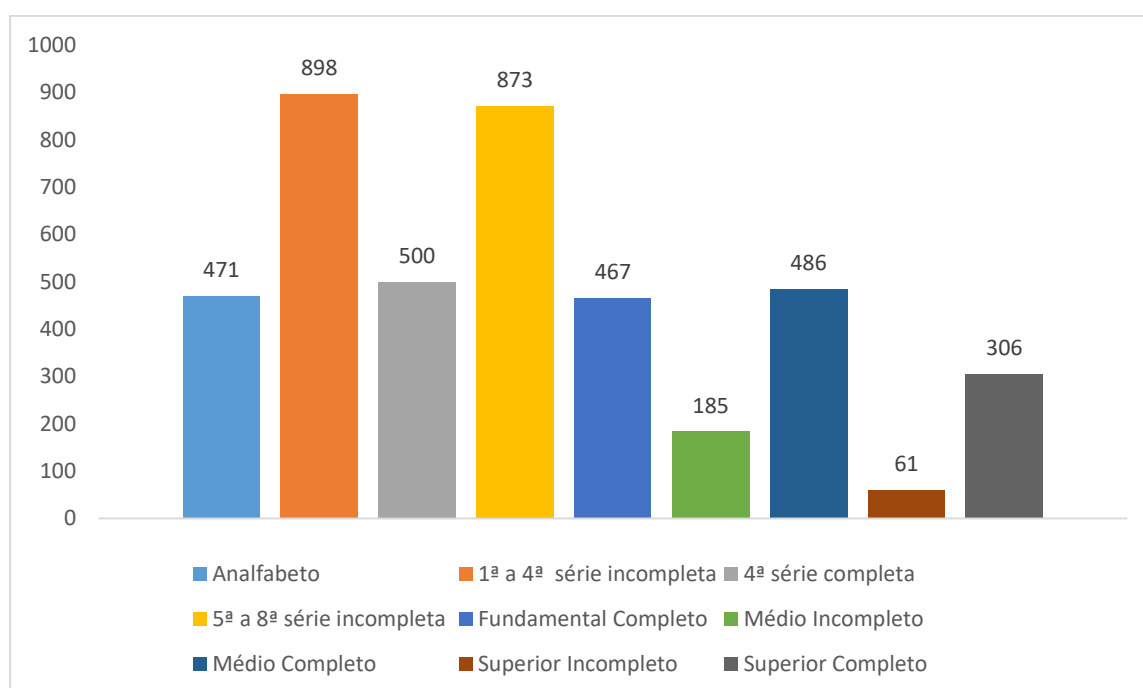
Região/UF Not.	Masculino	Feminino	Em Branco	Total
TOTAL	5.704	3.598	3	9.305
Região Norte	291	130	0	421
Região Nordeste	801	392	0	1.193
Região Sudeste	1.346	887	0	2.233
Região Sul	937	668	0	1.605
Região Centro-Oeste	267	174	0	441
Ignorado/Exterior	2.062	1.347	3	3.412

Fonte: DATASUS

De acordo com resultados obtidos na tabela 2, pode-se observar a prevalência do sexo masculino nos casos de todas as regiões do Brasil, porém com maior incidência na região Sudeste, esta variável do gênero se assemelha a um estudo realizado por Quadros et al., (2016) em que 53,8% dos participantes do estudo eram homens e portadores do vírus. Ainda sobre a prevalência de casos do sexo masculino, estes resultados encontrados corroboraram com pesquisa na qual os números de homens com HIV/AIDS são superiores aos das mulheres (ANDRADE; SILVA; SANTOS, 2010)

O preconceito contra idosos com HIV/AIDS ainda é algo presente em nossa sociedade e habitualmente as pessoas que possuem esse tipo de preconceito geralmente são aquelas que receberam uma educação sexual rigorosa dos pais e familiares. Também ressaltam que o idoso é muitas vezes visto como um ser assexuado e com libido diminuído pelo processo de envelhecimento, entretanto o desejo sexual e a necessidade de carinho e afeto continuam (QUADROS et al., 2016).

Gráfico 1: Número total de casos de AIDS em todas as regiões do Brasil por nível de escolaridade.



Fonte: DATASUS

O grau de escolaridade constitui-se como um bom indicador do nível socioeconômico dos indivíduos e do seu impacto sobre a saúde. A escolaridade mostra-se, portanto, com um indicador mais instável ao longo da vida do indivíduo, por sofrer pouca interferência em função de mudanças conjuntivas vivenciadas pelas populações e por grupos, ou eventuais consequências advindas do próprio processo de adoecimento (SOUSA et al., 2009). Dessa forma, observamos que os idosos com menor grau de escolaridade estão mais expostos a doença da AIDS, o que reforça a importância do ensino como forma de medida preventiva no combate contra à doença (ROCHA et al., 2013).

Diante disso, ressaltamos a importância da educação em saúde nos locais onde há uma maior frequência de pessoas idosas, como uma Unidade Básica Saúde da Família, para

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

esclarecer as formas de transmissão da infecção e medidas de prevenção como o uso de preservativo, visto que há uma deficiência sobre o assunto desde o período escolar, no intuito de promover mudanças de comportamento em suas relações sexuais.

De acordo com Rocha et al., (2013) o nível de escolaridade é um dado muito pertinente sobre a prevalência de idosos com AIDS, pois a verificação do nível de conhecimento evidencia lacunas em relação aos fatores de risco que podem contribuir para o aumento da infecção pelo HIV nessa faixa etária.

Um estudo realizado por Nascimento et al., (2013) mostrou que o maior nível de idosos infectados por HIV se encontram naqueles em que só tiveram estudos até os 7 anos de idade, corroborando com os dados obtidos neste trabalho, onde a maior prevalência destas infecções se deu nos indivíduos que tiveram acesso à escola da 1ª a 4ª série incompleta, isso se dá principalmente porque o conhecimento das causas e das complicações desta doença não são disseminadas e que, desde antigamente até o presente momento ainda existe um preconceito acerca desse assunto.

Observou-se na Tabela 3 que a principal via de transmissão do vírus foi a relação sexual.

Tabela 3 - Distribuição do número de casos de AIDS em relação à categoria de exposição.

Região/UF Res.	TOTAL	REG. NORTE	REG. NORDESTE	REG. SUDESTE	REG. SUL	REG. CENTRO-OESTE
Homossexual	342	22	81	153	70	16
Bissexual	201	18	42	95	35	11
Heterossexual	4.025	330	760	1.364	1.224	347
UDI	47	1	7	23	14	2
Hemofílico	2	0	2	0	0	0
Transfusão	4	0	0	2	1	1
Trans. Vertical	22	4	7	8	2	1
Ignorado	4.662	404	982	2.057	960	259
Total	9.035	779	1.881	3.702	2.306	637

Fonte: DATASUS

O maior número de casos de AIDS em idosos ocorreu principalmente devido a relações sexuais. Ao somar as categorias referentes à exposição por esta via, que estão divididas por orientação sexual, tem-se 4.568 (49%) casos de contaminação. Além disso, é importante destacar que 4.662 (50%) das informações obtidas sobre o tipo de exposição, estavam incompletas e foram ignoradas.

Nos anos de 1980, com o aparecimento da AIDS, pensava-se que havia grupos especificamente mais suscetíveis, ou de risco, para adquiri-la. Os idosos não eram considerados um grupo de risco, portanto, as campanhas de prevenção voltadas a essa população eram praticamente inexistentes. Esse comportamento talvez tenha contribuído para que os idosos hoje tenham dificuldades em aderir a métodos preventivos da doença (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto as notificações de casos de HIV/AIDS em idosos apresentaram uma discreta tendência de redução no período avaliado e verificou-se que o número de notificações foi maior entre os indivíduos do gênero masculino, heterossexuais e de menor escolaridade. A identificação desse perfil e tendência contribuirá para o planejamento de ações de saúde relacionadas ao HIV/AIDS, com ênfase na valorização do uso de preservativos por idosos, sendo necessário esforço multisetorial que favoreça a redução do estigma que envolve as necessidades sexuais desse grupo etário. Reforça-se a necessidade de mais estudos nessa temática, pois certamente poderão contribuir para uma melhor intervenção, no sentido de disseminação de informações tanto para os idosos, como para os profissionais e para as famílias.

Também foi possível observar que no Brasil muitos dados importantes com relação a notificação das doenças de agravos são subnotificados, dado encontrado em todas as regiões do país. É um fato preocupante porque ações poderão deixar de ser realizadas pelo Ministério da Saúde por falta de informações necessárias nos sistemas de saúde.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. A. S.; SILVA, S. K.; SANTOS, M. I. P. O. Aids em idosos: vivências dos doentes. **Esc Anna Nery**, v. 14, n. 4, p. 712-719, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde da pessoa Idosa. Cadernos de Atenção Básica, n.19. Brasília, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Programa de DST/AIDS. Boletim Epidemiológico DST/AIDS, 1. a VI, n. 16, 2009.

GODOY, V. S; FERREIRA, M. D.; SILVA, E. C.; GIR, E.; CANINI, S. R. M. S. O perfil epidemiológico da Aids em idosos utilizando sistemas de informação em saúde do Datasus: realidades e desafios. **DST J Bras Doenças Sex Transm.** v. 20, n. 1, p. 7-11. 2008.

LAROQUE, M. F.; AFFELDT, Â. B.; CARDOSO, D. H.; SOUZA, G. L.; SANTANA, M. G.; LANGE, C. Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Rev. Gaúcha Enferm**, n. 32, v. 4, p. 774-780, 2011.

MELO, H. M. A.; LEAL, M. C. C.; MARQUES, A. P. O.; MARINO, J. G. O conhecimento sobre Aids de homens idosos e adultos jovens: um estudo sobre a percepção desta doença. **Cien Saude Colet**, v. 17, n. 1, p. 43-53, 2012.

NASCIMENTO, R. G.; MONTEIRO, E. L.; FERREIRA, L. S.; SANTOS, Z. L. Nível de conhecimento de idosos comunitários em relação ao HIV/Aids: estudo exploratório na rede básica de saúde de Belém, Pará, Brasil. **Rev Bras de Ciências do Envelhecimento Humano.** v. 10, n. 1, 2013.

OLIVI, M.; SANTANA, R. G.; MATHIAS, T. A. F. Comportamento, conhecimento e percepção de risco sobre doenças sexualmente transmissíveis em um grupo de pessoas com 50 anos e mais de idade. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v. 16, n. 4, p. 679-685, 2008.

QUADROS, K. N.; CAMPOS, C. R.; SOARES, T. E.; RESENDE, F. M. Perfil epidemiológico de idosos portadores de HIV/AIDS atendidos no serviço de assistência especializada. **Rev de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro.** v. 6, n. 2, 2016.

ROCHA, F. C. V.; CHAGAS, F. F. F.; MACÊDO JÚNIOR, J. A.; ROSA, Y. R. D. Conhecimento dos idosos sobre HIV/AIDS. **Revista Interdisciplinar**, v. 6, n. 2, p. 137-143, 2013

SALDANHA, A. A. W.; ARAÚJO, L. F. **A Aids na terceira idade na perspectiva dos idosos, cuidadores e profissionais de saúde**. VII Congresso Virtual HIV/SIDA na Criança e no Idoso, 2006.

SOUSA, A. C. A.; SUASSUNA, D. S. B.; COSTA, S. M. L. Perfil clínico-epidemiológico de idosos com Aids. **DST J Bras Doenças Sex Transm**, v. 21, n. 1, p. 22-6, 2009.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Rev Saúde Pública**. v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.